

Imigrantes e (In)segurança: a Construção do Espaço Social através de uma Etnografia no Bairro Veronetta

Immigrants and (In)security: the Construction of Social Space Through an Ethnography of Veronetta Borough

Fabiane Cristina Albuquerqueⁱ

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Campinas, Brasil

Resumo: Este artigo tem como base uma pesquisa de mestrado, mais especificamente um estágio realizado em Verona (Itália) entre 2015 e 2016, no bairro Veronetta, conduzido através da vivência pessoal e de entrevistas com imigrantes de diferentes nacionalidades que ali habitam. Durante cinco meses, a pesquisa etnográfica revelou que a representação da imigração como problema de insegurança incide diretamente na autopercepção dos próprios imigrantes, nas suas relações sociais e na construção do espaço urbano em que vivem. Veronetta, caracterizado como bairro perigoso devido à presença de imigrantes, tem esta imagem internalizada por muitos deles e reproduzida no dia a dia, a qual, olhada “de dentro”, nos remete a problemas sociais de fundo – sobretudo a segurança – que serão aqui analisados.

Palavras-chave: Imigração; Representação; Insegurança; Espaço Urbano; Bairro.

Abstract: This article is based on research undertaken between 2015 and 2016 for a Master’s degree and studied immigrants of different nationalities who live in the borough of Veronetta in Verona (Italy). Ethnographic research spanning five months revealed that the representation of immigration as a problem of insecurity held by Italians can directly affect self-perceptions of the immigrants themselves as well as their social relations and how they construct the urban space in which they live. Veronetta is characterized as a dangerous neighborhood due to the presence of immigrants and this image is shown to have been internalized by many of the immigrants and is reproduced on a day-to-day basis, which, when viewed “from the inside”, brings us back to the fundamental social problems analyzed here, above of all that of security.

Keywords: Immigration; Representation; Insecurity; Urban Space; Neighborhood.

ⁱ Doutoranda em Sociologia, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). fabcristbr@hotmail.com

Introdução

Na atualidade, umas das representações recorrentes dos imigrantes é a insegurança, visto serem os catalizadores ideais de tal sentimento enquanto “bode expiatório” (GIRARD, 2004), em geral ligado à desordem e à criminalidade, dando sentido às causas das tensões sociais, pois é sobre quem se descarregam os efeitos negativos da globalização e do capitalismo predatório (APPADURAI, 2009).

O sentimento de insegurança se caracteriza como representação do mundo, em sua construção social, ao imprimir formas de pensar e interpretar a realidade (LOURENÇO; LISBOA, 1992). Na atualidade, com a chegada de imigrantes, o caráter permanente do fenômeno através de filhos nascidos ali e que reivindicam a cidadania a pleno efeito, além da crise humanitária dos últimos anos com a chegada de refugiados africanos e do Oriente Médio, o controle das fronteiras e as leis mais rígidas para entrada e permanência, então, tornou-se objetivo comum da União Europeia. A “Fortaleza Europa” (SASSEN, 1999)¹, blindada a todo custo através da Frontex, principal agência (ou “braço de ferro”) de controle das fronteiras, é responsável por diversas operações em mar e em terra resultantes na morte de milhares de pessoas, como reportam organizações internacionais.²

De forma particular na Itália, a representação do imigrante deu origem a leis mais severas, mediante o discurso prevalente da “segurança” nacional e dos cidadãos. Contraditoriamente, duas leis (para a permanência e a entrada de imigrantes no país) foram responsáveis por jogar grande parte desses imigrantes na ilegalidade – conforme a Lei Bossi e Fini, que cria o reato de clandestinidade para aqueles que não possuem o visto no país.³ O espaço social do qual muitos compartilham vem sendo também estigmatizado e relacionado a perigo e ameaças, além de utilizado para explicar, devido à presença de imigrantes, a degradação urbana. Na verdade, a falta de planejamento urbano é apenas uma das omissões de determinados governos frente a políticas públicas de inclusão, cuja inoperância cria uma geografia das desigualdades onde não raro o imigrante é o elemento central.

Bairro Veronetta: de “Terronetta” a “Negronetta”

Veronetta, um dos 23 bairros da cidade de Verona, situa-se a aproximadamente dois quilômetros do centro histórico da cidade, separado apenas pelo rio Adige, ainda que exista diversas pontes para ligar os dois pontos; a principal delas é a San Fermo, que liga o centro histórico à rua XX de setembro (Figura 1). O bairro contém quatro zonas territoriais: San Giovanni in Vale, San Paolo, San Stefano e Veronetta Centro. As zonas de Veronetta Centro e San Paolo são as altamente urbanizadas e densamente povoadas, enquanto San Giovanni in Vale e San Stefano, áreas de colina, são localizações mais calmas e com grande concentração de conventos religiosos (além de abrigar o Museu Africano) (Figura 2).



Figura 1 – Cidade de Verona: localização do bairro Veronetta (a linha vermelha indica o centro da cidade que fica à esquerda do bairro estudado e a parte amarela indica a área onde a pesquisa foi realizada).

Fonte: Google Maps (acesso em 12/06/2018).

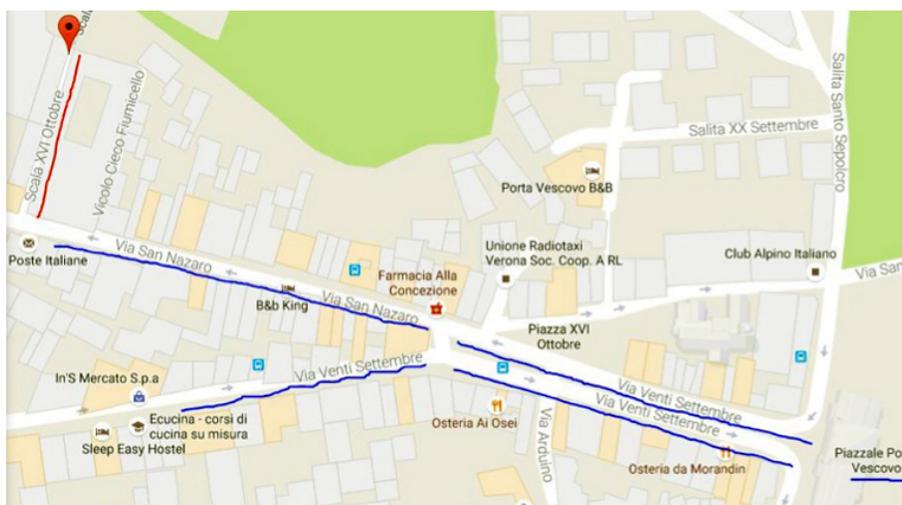


Figura 2 – Bairro Veronetta: área de pesquisa (em azul, ruas indicadas como zonas mais perigosas pelos próprios imigrantes).

Fonte: Google Maps (acesso em 12/06/2018).

As principais nacionalidades presentes em Veronetta são: Sri Lanka (25,0%), Romênia (9,9%), Brasil (6,2%), Albânia (6,2%), Nigéria (5,9%), Marrocos (5,2%) e Gana

(4,3%). Em 2006, os imigrantes do bairro consistiam em 19,7% de sua população, ou seja, 2.090 imigrantes para um total de 10.411.⁴

Veronetta foi escolhido como campo de minha pesquisa de mestrado, realizada em Verona (Itália) entre dezembro de 2016 e abril de 2017, por ser o bairro com maior número de imigrantes por habitantes autóctones, conhecida também como “Negronetta”, devido à grande presença de pessoas “não brancas” (como no caso de imigrantes indianos, marroquinos e cingaleses, que não se consideram “negros”, mas apresentam a pele escura). Tive contato com o bairro e a universidade ali presente, quando morei na Itália anteriormente por 6 anos e frequentei o espaço como estudante e como cliente das lojas que vendem produtos típicos do Brasil. No passado, Veronetta também foi um bairro que atraiu muitos italianos do sul da Itália, em especial nos anos 1960, tendo sido, antes de “Negronetta”, chamada de “Terronetta” (BRIATA, 2011, p. 4), neologismo criado a partir do termo “terrone” (modo pejorativo para se referir aos italianos do sul).

Por ser também uma zona universitária, é grande o número de estudantes que moram sozinhos em Veronetta. Muitos comércios do bairro são geridos por estrangeiros, que se concentram principalmente nas ruas XX de Setembro, Nicola Mazza e San Nazarro (BRIATA, 2011). Além de haver, naturalmente, uma grande procura de moradias econômicas por parte de estudantes universitários, o bairro também atraiu os imigrantes pelo baixo custo dos aluguéis (BERTANI, 2006), resultado do descaso das autoridades frente à deficiente conservação pública da área. O jornal *Expresso*, de outubro de 2010, traz um importante artigo escrito por Fabrizio Gatti, cuja longa manchete é:

Verona, África do Norte: Um bairro de alta densidade de imigrantes. Um prefeito super-*Leguista* [referência ao partido político *Lega Nord*] que não estimula a integração porque quanto mais difícil for a convivência, mais votos consegue obter. História e realidade de Veronetta, já denominada “Terronetta” e agora “Negronetta”.⁵

No decorrer do artigo, o autor afirma que as casas ou apartamentos no bairro são bastante degradados, pois muitos proprietários se recusam a alugar casas aos imigrantes, de modo que estes precisam se contentar com os imóveis que “sobram” e que, geralmente, se encontram em péssimas condições de habitação. Em estado deplorável e carentes de reforma, ainda assim, não são alugados por menos de 500 ou 600 euros, valores muito elevados para um imóvel em tais condições. É comum ouvir opiniões ou discursos que relacionam a causa do problema da degradação física de prédios e ruas aos imigrantes que se encontram circulando por ali (BRIATA, 2011). Ouvi muitos moradores de Veronetta, italianos e estrangeiros, reclamarem do mal cheiro de algumas ruas, pois alguns imigrantes, segundo eles, as utilizam como “banheiro público”. No entanto, o que pude ver é um bairro sem muitos espaços públicos ou de convivência, principalmente durante o inverno.

As duas praças que pude frequentar, Praça Isolo e Praça Santa Toscana, eram muito pequenas se comparadas com o número de habitantes do bairro. Contudo, apesar de seu reduzido tamanho, a Praça Santa Toscana é frequentada (mesmo durante o inverno) por imigrantes que param ali para conversar, muitas vezes em grupos, ou permanecem ali sentados, sozinhos. Já na Praça Isolo encontrei vários refugiados políticos que ficavam ali,

olhando por horas para o celular. Ao conversar com um deles (um refugiado do Gana), soube que eles não podiam ir muito longe de onde estavam hospedados, pois sem documento a polícia poderia pará-los na rua. Nas duas praças existe uma pequena feira de roupas onde, por sua vez, a maioria das bancas de vendedores ambulantes é de imigrantes. Às quartas-feiras, quando eu costumava ir para observar a feira na Praça Isolo, em uma das ocasiões comprei um cachecol na banca de um paquistanês que me disse: “olha, é tudo *made in Italy*, coisa boa, de qualidade”. Tais vendedores estrangeiros sabem que esse é um detalhe local importante e remetem, nestes casos, ao enorme orgulho italiano frente às marcas de roupas nacionais (o mesmo acontece com seus produtos alimentícios).

Outra exceção relevante no contexto de relações humanas e com o espaço é que, próximo à universidade, existem muitos idosos, e no bairro todo vi um grande número deles (nas zonas San Giovanni in Vale, zona de Colina, com menor número de imigrantes) e suas “cuidadoras”⁶ de outras nacionalidades, essenciais para as atividades cotidianas de tais autóctones (além de inúmeros afazeres domésticos, caminhar amparados pelo braço, ter o carrinho de compras empurrado, ou mesmo fazer passeios com seus cães). Veronetta ainda possui a maior quantidade de comércios administrados por imigrantes (na zona Centro) – entenda-se, não apenas frequentado por eles –, mas nem por conta de tais interações “espaciais” positivas o bairro deixa de ser muito estereotipado, tanto pelos italianos quanto pela maioria dos imigrantes, que o consideram de “má fama”, “perigoso” e a “ser evitado” – de acordo com depoimentos e entrevistas (à frente).

Em geral existem bares e outros locais frequentados prevalentemente por imigrantes, e outros por italianos. Os bares ao redor da universidade, por exemplo, têm os preços mais elevados e o número de imigrantes é reduzido. Mas o preço não é a causa principal, visto que em outros bares frequentados por imigrantes é a “atmosfera” do lugar que os atrai. Nas zonas indicadas como locais de maior perigo conheci logo alguns brasileiros, recebendo conselhos amistosos e contraditórios; na verdade, se tratava de um local seguro, sendo preciso somente ter cautela e tomar cuidado com “alguns marroquinos”.

A alusão aos “marroquinos” como fator de perigo também foi recorrente em outras entrevistas, e muitos imigrantes se referiam a eles como causadores de insegurança em Veronetta, de modo que estabelecer contato com um deles se tornou um objetivo importante para a pesquisa. Foi nesta ocasião que conheci o brasileiro Márcio⁷, e em nosso primeiro contato eu mesma cheguei a pensar que ele viesse de Marrocos devido às suas características físicas: escuro de pele e cabelos crespos. De fato, ele acabaria por demonstrar bastante sofrimento por ser vítima desta “confusão”, pois quando o questionei se já havia sofrido algum tipo de preconceito, respondeu prontamente da seguinte forma: “Todos os dias. Olha só a minha cara de marroquino” – confirmando algo da própria imagem estereotipada difundida também entre imigrantes.

Veronetta “In-segura”: Discursos e Imagens sobre um Bairro Estigmatizado

Briata (2011) relembra a administração de Verona pelo partido de centro-esquerda, nos períodos anteriores à ascensão da *Lega Nord* na cidade, no ano de 2007, a qual propôs um projeto para o bairro – e a cidade – a fim de estimular a interação e a boa convivência entre os moradores, intitulado “Veronetta si-cura”.⁸ Depois da eleição seguinte

para prefeito (que elegeu Flavio Tosi da *Legia Nord*), contudo, imigração e insegurança, mote de sua campanha, passaram a ser o principal canalizador dos problemas da cidade. Várias foram as propagandas que ligavam a imigração ao problema da insegurança e da ordem pública. Como ainda reporta Briata (2011), em muitos países ocidentais, os bairros com grande concentração de imigrantes são vistos como “mundo à parte”, criando assim estereótipos e barreiras concretas ou simbólicas que impedem o percurso de integração.

A segurança de toda a cidade, e em particular de Veronetta, foi um dos principais pilares da vitoriosa campanha eleitoral de Tosi. De acordo com a campanha:

(...) a segurança concretiza-se através da presença constante de rondas policiais, da instalação de câmeras nas áreas mais problemáticas, assim como no anúncio de uma série de regulamentos que atingem principalmente as atividades de *call center* e que limitam o horário de abertura dos locais que vendem bebidas alcoólicas. (BRIATA, 2011, p. 6-7)

O aspecto negativo devido à presença de imigrantes levada a termo pelos meios de comunicação é alvo de extrema preocupação, ainda no pensamento da autora, visto que enfatiza a existência de uma realidade diversa, na qual há interesse e esforços de moradores italianos e imigrantes no sentido de desconstruir concretamente tal discurso.⁹ Sabe-se que o prefeito da *Legia Nord* chegou a propor um plano de regras estéticas para o bairro, que limita as atividades que estão em “contraste” com os valores artísticos, históricos e ambientais da cidade. Por exemplo, os locais que vendem comida “étnica” são proibidos de funcionarem a uma distância mínima de 300 metros entre si, o que prejudica principalmente aqueles proprietários que almejam abrir o próprio negócio, e não os já estabelecidos no bairro (BRIATA, 2011). Entrevistei uma mulher de Guiné-Bissau que discorreu com clareza a respeito de tal contexto:

Mudei-me em 2003. Eu vivi antes na Província, via Veronetta pela televisão (...) Quando se falava daqui era sobre droga, esfaqueamento. Eu sinceramente tinha medo. Eu caminhava durante o dia. Depois vivendo aqui todos os dias, conhecendo as pessoas, acabei por não me preocupar. (...) Eu não me sinto em perigo aqui em Veronetta. Eu me identifico. (...) Veronetta é perigosa porque tem drogas. Veronetta ‘tá cheia de residências universitárias e são os “filhinhos de papai” que podem se permitir comprar a droga. (...) E outra coisa, fala-se mais de Veronetta em época de eleição. Essa é a coisa que notamos também. Quando há eleições regionais se fala de Veronetta. Porque existe partido que é a favor de certa coisa, outro não é. Falam mal e prometem que vão resolver, como “nós somos os que vão protegê-los dos imigrantes”. (Cristina, de Guiné-Bissau, 40 anos, estudante universitária, desde 2002 na Itália)

A estigmatização do bairro pela grande presença de imigrantes pode ser ainda mais bem entendida mediante estudos de Wacquant (2008) sobre os guetos, nos quais aponta para a tendência de “demonização” de áreas e racialização de populações a fim de isolá-las e marginalizá-las. A tendência é que “descivilização” e “demonização”, segundo

Wacquant, formem uma combinação estrutural e discursiva, reforçando-se reciprocamente e legitimando o abandono de políticas públicas e de território para dar espaço à contenção penal e às políticas securitárias. Pode-se falar ainda na disseminação de um interesse inconsciente em exagerar a diferenciação cultural do subproletariado urbano a ponto de criar uma alteridade radical: os habitantes dos bairros estigmatizados seriam “condenados de antemão a uma espécie de morte social em fogo brando, privados dos meios de expressar publicamente, senão pela infração da lei e da norma, a única capaz de atrair a atenção dos poderes estabelecidos”. (WACQUANT, 2008, p. 30)

Veronetta: Gueto ou “Brooklin” Italiano

Briata (2011, p. 6) constata que a percepção da insegurança no bairro, de fato, “deriva, sobretudo, dos repetidos episódios de embriaguez, moléstia e perturbação à ordem pública dos grupos marginais de imigrantes, em alguns casos ligados à microcriminalidade”. Andando por algumas ruas à noite é muito comum levar “cantadas” desses homens parados e em grupo, e, não por acaso, muitas mulheres expressaram o constrangimento de ter que passar por esses pontos. Neste sentido, é importante frisar que o “aluguel de camas” (conhecido na Itália como *posti letti*), e não propriamente de quartos, é outra característica típica do bairro.

Assim, muitos dos inquilinos do bairro possuem um lugar exclusivamente para dormir, não lhes sendo permitido usufruir do espaço da casa ou do apartamento. Não é à toa que muitos dos imigrantes, após a jornada de trabalho, permanecem nas ruas ou bares até tarde da noite, voltando para casa – isto é, para sua cama – apenas para dormir. Em geral, o discurso dominante é o de que eles estão acostumados a se comportarem assim, mas, na realidade, são as condições socioeconômicas que obrigam esses imigrantes a viverem situações deste tipo.

Aqui, tem destaque um problema característico que parece assolar a maioria dos imigrantes na Itália, relacionado diretamente com sua marginalização social: a ausência de informações ou explicações, por parte dos órgãos públicos (e não propriamente dos cidadãos italianos), no sentido de ajudá-los quanto à legalização – ou adaptação – no país. Um senhor mexicano diz como soube do bairro através de uma senhora italiana, que lhe teria dado “algumas dicas” úteis para sua inserção:

Aqui não tem ninguém que te fala como são as coisas, eu não aconselho ninguém de migrar. Então eu conheci uma senhora que me explicou algumas coisas, ela disse que Veronetta está numa zona de estrangeiros, “então fica sossegado” disse a senhora. (Carlos, do México, 49 anos, operário e sindicalista, desde 1998 na Itália)

Um jovem originário do Gana explicita o problema em questão:

Eu vim para a Europa sem saber nada, sem saber como era. Eu vim para pedir ajuda, eu tive problemas no meu país. Eu não sei sobre a Europa, eu vim e pronto, para encontrá-los, para ouvi-los e ver o que eles vão fazer comigo. Então nós

estamos esperando nossos documentos. Estou no Convento Santa Clara. (...) Eu trabalho limpando jardins três vezes por semana. As pessoas nos cumprimentam (...) não se comunicam muito, mas nos cumprimentam. (...) Na polícia é muito negativo, são muitos que vão todos os dias. Eles não explicam pra gente. É muito negativo. (Bacara, de Gana, 25 anos, há oito meses na Itália)

O depoimento de um jovem brasileiro que abriu recentemente um bar em uma das ruas mais estigmatizadas de Veronetta, por seu lado, remete à realidade “insegura” vivenciada na região – agora por conta da “microcriminalidade”, como apontada por Briata (2011) – colocada em prática pelos estrangeiros:

Aqui é o Gueto de Verona que eles chamam, né? É uma rua que 20, 30 anos atrás era uma das melhores ruas para se morar em Verona. Quando eu cheguei era pior ainda. Porque tudo quanto é estrangeiro que chegava em Verona vinha morar aqui. O aluguel era barato. (...) Aqui abriram as primeiras lojinhas africanas, chinesas e brasileiras. Aí o pessoal vem sempre pra cá comprar as coisas (...) Eles [imigrantes de outras nacionalidades] me incomodam. Eu tive problemas com eles dois dias atrás porque eles queriam entrar e queriam vender coisas ilegais aqui dentro, como droga. (...) Porque não queria ser racista, eu falei “Pode entrar, beber um café, só não pode encher o saco.” (...) Aí não deu certo. Eu chamei um amigo meu que é da polícia federal italiana. Eles vieram aqui fardados, conversaram com os caras e a partir daí, no dia depois, eles passavam aqui e nem olhavam pra dentro. Eu quero que eles fiquem longe. (Caique, do Brasil, 20 anos, há 8 anos na Itália)

Neste contexto, a linha (ou o discurso) que separa a “segurança” da “insegurança” torna-se extremamente tênue. Em muitas partes do mundo imigrantes e refugiados sentem uma enorme necessidade de se adaptar e se apropriar das cidades a fim de construir um sentido de pertencimento, fugindo à lógica da exclusão social existente atualmente. Daí as opiniões de dois brasileiros, que formularam identicamente uma concepção “insegura” do bairro. Segundo o primeiro deles,

Aqui é o Brooklin da Itália. Tem o mundo todo aqui. Eu gosto de morar aqui. Tem o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que tem o mundo inteiro aqui. Tem o mundo inteiro. O lado ruim é que tem aqueles que fazem confusão. (Jerry, paranaense, 28 anos, há 10 anos na Itália)

Depois, em uma conversa com um grupo de brasileiros (na qual também Jerry estava presente) num bar na parte mais estigmatizada do bairro, ao redor da Porta Vescovo, o brasileiro Márcio (há 12 anos na Itália, ainda sem a plena legalização de sua documentação), depois que revelei a eles que fui seguida à noite por dois homens italianos dias antes, disse: “Mas você sabe onde você está? Estamos no Brooklin. Aqui vem muita mulher fácil. Não é culpa do homem”. Em seguida, complementou: “Nós te observamos desde quando você chegou. Te analisamos, mas você foi encontrar um velho, ao invés de

falar com nós”. Márcio se referia a Enrico, um senhor italiano com quem fiz rapidamente amizade, e que se revelou meu “informante” em Veronetta devido a sua longa experiência na área. Como visto, no ponto de vista dos brasileiros que viviam ali, como também sou brasileira, eu deveria ter procurado por eles para que me apresentassem o bairro.

Caminhando pelas ruas de Veronetta, pode-se ainda notar certa “disputa simbólica” pelo território através de frases, cartazes e adesivos em seus muros e paredes. Nas ruas San Vitale e Scrimiare pude encontrar adesivos da *Legia Nord* (de ideologia populista de direita e anti-imigração) com a frase “Stop Invasione” (“Pare a Invasão”), se referindo à imigração. Já em muros de casas, entre as duas ruas mencionadas, havia uma pichação com os dizeres “zona antifascista”. Dias depois, ao passar pela mesma rua, o muro havia sido pintado, porém, poucos dias mais tarde estava novamente pichado (sobre a pintura ainda fresca): “O grito continua, policiais infames”. Estas intervenções mostram que existem “forças invisíveis” no bairro disputando ideologicamente o espaço.¹⁰ Na rua XX de Setembro, por exemplo, me deparei com um cartaz que dizia “CHEGA DE PRECONCEITOS” e uma figura de um casal homossexual empurrando um carrinho de criança (o texto, na verdade, havia sido cuidadosamente rabiscado a ponto de tornar sua leitura impossível).

Vale frisar que os imigrantes exercem aquilo que se convencionou chamar de “ocupação simbólica do território” (QUASOLI; CHIODI, 2000). Em outras palavras, alguns grupos colocam em prática, pela procura de lugares de encontro e socialização entre conacionais, a ocupação física de muitos locais como praças e ruas. E mesmo sem cometer nenhum comportamento ilegítimo ou inaceitável para a população residente autóctone, a simples “presença física de pessoas diferentes” pode constituir uma fonte de insegurança; desta forma, os imigrantes, muito mais do que os italianos, sofrem com a falta de espaços públicos de encontro e tendem a “encher as ruas, praças e parques” (QUASOLI; CHIODI, 2000, p. 15 e 19). Para outro jovem brasileiro:

É uma zona que se degradou bastante. Hoje em dia eles ficam ali. É dividido por zona. Parece brincadeira, né? Mas é dividido por continente. Por exemplo, aqui na frente da loja ficam mais brasileiros, do lado direito os cubanos, latinos mais do lado esquerdo. Mas a gente conhece todo mundo, mas não é que fica todo mundo misturado. Fica tudo dividido. Mais pra frente, no final, perto da Praça Santa Toscana, ali ficam mais os marroquinos e tunisianos. Essas coisas assim. (Otávio, 22 anos, há dez anos na Itália)

Como bem notaram Elias e Scotson (2000) sobre o bairro que estudaram na Inglaterra, também uma zona estigmatizada, as opiniões de cada um sobre o próprio bairro e os bairros vizinhos, nesse contexto, como em muitos outros, formavam-se no âmbito de troca de ideias contínuas dentro da comunidade, no decorrer da qual os indivíduos exerciam considerável pressão sobre os outros, para que todos se conformassem à imagem coletiva da comunidade na fala e no comportamento (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 54-55). A maioria dos imigrantes de Veronetta com quem conversei reproduz a mesma ideia geral que se ouve dentro e fora do bairro – dentro e fora dele, ou seja, na sociedade que encontra os adjetivos e a linguagem para se falar do espaço em que vivem.

Neste contexto de diferentes encontros e nacionalidades, outra fala do brasileiro Jerry resume a condição do imigrante brasileiro percebendo a si próprio, ou melhor, encontrando na vivência em Veronetta uma condição positiva enquanto brasileiro, ainda que incorra, ele próprio, em certa discriminação de imigrantes e estigmatização do local:

Eu moro aqui há 10 anos no bairro. Antes não era assim, tinha poucos marroquinos, africanos. A gente se reunia na rua San Nazarro, uns 40 brasileiros. A polícia chegava e mandava todo mundo embora. Mas a gente voltava (risos). Era o ponto para procurar trabalho. Um fala para o outro. Eu fui parado várias vezes, mas veem que sou brasileiro e me deixam. Os brasileiros são mais aceitos que os marroquinos. Se tem 3 marroquinos e entra 5 brasileiros eles dão trabalho para os brasileiros. Eles gostam da gente. Já tive experiência de racismo. Tem italiano que diz que a gente vem pra roubar o trabalho deles. (Jerry, paranaense, 28 anos, há 10 anos na Itália)

Veronetta “In-segura”, Discurso e Imagens

O nigeriano Peter Obehi, autor de um documentário sobre Veronetta (“Veronetta, outra face de um bairro”)¹¹, entrevistou tanto imigrantes quanto autóctones buscando desmistificar essa imagem negativa de um conflito constante entre ambos, bem como a fama de “bairro violento”. Segundo um depoimento seu:

Quando eu estava fazendo o documentário sobre Veronetta, muitas pessoas diziam que era um bairro degradado, negativo. Eu, para poder contar, tive que andar nele de dia e de noite, frequentar, sentir o cheiro, o sabor, conhecer. Eu andava sempre de bicicleta, ninguém nunca me tocou. (Peter Obehi, da Nigéria, 26 anos, na Itália desde 2004)

Caminhando pelas duas ruas indicadas como as mais “perigosas” – Rua XX de Setembro e San Nazarro – ou frequentadas por “vagabundos e “drogados”, percebi uma grande presença de homens de diversas nacionalidades que param em frente a alguns comércios para beber e fumar (e, segundo alguns comerciantes, para usar drogas e também para vender). Minha necessidade de chegar até esses homens para poder conversar foi grande, pois os outros imigrantes apontavam esses espaços frequentados por eles como maior zona de insegurança. Na primeira vez em que fui sozinha (embora o corpo de uma mulher esteja suscetível desde “cantadas” a até violência física), não consegui falar com nenhum deles. Por sua vez, existem muitos africanos no bairro que pedem esmolas, principalmente em frente a supermercados, e fui abordada por um deles; quando ele se explicou, dizendo “eu preciso, querida” (“*Ho bisogno, amore*”), ouvi um italiano ao lado respondendo: “Eu também preciso, vai trabalhar você também”.

Tais comportamentos recorrentemente sentidos como causa de insegurança, ainda que desmistificados pelos próprios habitantes do bairro (estrangeiros e italianos), tendem a continuar representando Veronetta como uma zona a ser evitada, principalmente de-

vido à estigmatização perpetrada pelos meios de comunicação – discurso, mas também imagens que representam tais discursos –, somada à ideia de políticas excludentes que se beneficiam não apenas da mídia, como também da própria “pressão” coletiva, de caráter (in)conscientemente preconceituoso, de acordo com os comportamentos existentes em tais comunidades (ELIAS; SCOTSON, 2000).

O conceito de degradação está associado à questão da segurança (MANERI, 2001), como um problema que foi “securitizado” (LEONARD, 2010) e ligado à presença de certos grupos, como os imigrantes, que para o imaginário coletivo são, ainda, os responsáveis pelo deterioramento da paisagem urbana – sem embargo, na esteira de uma imagem de portadores da desordem social e da ameaça à segurança. Essas políticas modernas, que reproduzem, porém, velhas lógicas, como a da “cirurgia social”, buscam estabelecer um conflito nítido resumido entre o que as sociedades consideram “classes trabalhadoras” e as presumidas “classes perigosas” (SIMONCINI, 2012).

Neste sentido, em Veronetta existem muitos refugiados que, embora acolhidos em Centros Sociais ou conventos, passam muito tempo nas praças (sobretudo na Praça Iso-lo), quando não acabam nas portas de supermercados (a exemplo de muitos localizados na rua XX de Setembro), tornando grande o número daqueles que pedem esmolas e que, para muitos, “atrapalham” as pessoas “normais”. Para Simoncini (2012), aqueles que cumprem a função de classe perigosa, hoje, são os imigrantes (em especial os islâmicos), os ciganos, as populações de periferia e, enfim, os movimentos sociais e políticos mais radicais que são construídos diariamente como categoria “desviante”.

Conclusões

Como Veronetta está muito próximo ao centro de Verona, ainda que “fora dos muros”¹², não se pode dizer que essa significativa quantidade de imigrantes está “empurrada” para as periferias da cidade. O abandono para com o espaço público e, conseqüentemente, em relação às interações sociais é um problema muito particular do Estado italiano que vem sendo colocado como um problema de imigração, e não como descaso das autoridades locais. Quando perguntei a algumas pessoas o que levou os imigrantes ao bairro, alguns apontaram que o aluguel das casas era baixo. Logo, não foram os imigrantes que fizeram com que a área abrangida por Veronetta se tornasse degradada, mas sim a degradação previamente presente nos apartamentos velhos e sem reformas (e conseqüentemente no bairro todo), cujo menor custo do aluguel atraiu e continua atraindo os imigrantes, bem como os próprios estudantes.

Através de muitos depoimentos surgiram ideias de “perigo” e “ameaça” ligadas a certos tipos de comportamentos, como “pedir esmolas” ou “falar demais”. E no decorrer das demais entrevistas, percebe-se que outros imigrantes também apontam esses mesmos comportamentos como sendo a causa da insegurança que muitos imigrantes ou grupos suscitam. Logo alguns comportamentos, como ficar em grupos até tarde nas ruas ou bares, urinar na rua e falar alto são criminalizados e apontados como sinais de “perigo”. É este sentimento de perigo que está baseado numa ideia de “ordem”, e o simples fato de um imigrante não jogar a latinha no cesto de lixo é um sinal de “incivilidade” que se torna uma “ameaça” a tal ordem. (QUASOLI; CHIODI, 2000)

Para alguns imigrantes, a negação de que existe racismo, preconceito ou qualquer forma de discriminação na sociedade, ou que são estereotipados, e afirmar que “nunca tive problemas”, é um modo de dizer que estão integrados, que os italianos gostam deles e os aceitam, se livrando, assim, da “culpa” que muitos acham que são dos próprios imigrantes, pelo peso das representações negativas.¹³

A necessidade de achar uma figura que encarnasse essa representação da insegurança esteve presente em diversos depoimentos. No caso dos brasileiros nos Estados Unidos, Sales (1999) verificou que a alusão a uma figura que encarnasse a “alteridade” e a quem fosse transferido, assim, todo o mal da imigração era comum, pois devido à desigualdade social no Brasil, para muitos imigrantes brasileiros de classe média, igualar-se com outros brasileiros era algo não habitual.

Não parecia ser esse o caso dos brasileiros entrevistados em Veronetta. As mesmas nacionalidades apontadas por eles como “problema”, ou como “bons” e “maus”, são as mesmas indicadas pela própria sociedade italiana. Além do mais, a percepção da própria condição de ser brasileiro também foi apreendida no ambiente no qual vivem, experiência essa que, para a maioria, era positiva (como visto no caso do brasileiro Jerry). Na perspectiva dos homens que frequentam essas ruas em certos pontos estigmatizados, as motivações são bem diferentes daquelas que apontam outros imigrantes.

O bairro Veronetta, na cidade de Verona, como unidade menor, é um espaço ideal para se entender como esse discurso chega a afetar as interações sociais, enfim, bem como na reprodução de um discurso sobre o espaço social e seus moradores (imigrantes). O bairro não foi estigmatizado apenas com a chegada de imigrantes, mas com a presença de italianos do sul, o que já era motivo de uma imagem negativa sobre o espaço. Com o crescente número de imigrantes que foram atraídos pelo baixo custo dos aluguéis nesse bairro, então, a degradação do local passou a estar relacionada à presença deles, quando, na verdade, o processo teria sido ao contrário, visto que a degradação das moradias (mais econômicas) atraiu os imigrantes, e muitos deles, desprovidos de documentos, estão em uma situação, portanto, que acaba dificultando as relações sociais. As condições de moradia no bairro, onde não raro um inquilino é quem aluga uma única cama, e não de um quarto ou casa/apartamento, também expõem esses imigrantes à condição de conviverem muito tempo nas ruas da cidade e do bairro.

Resulta daí que tais comportamentos, como estar parado diante de locais, em grupos, são apontados como causa de insegurança, e as ruas com a maior concentração de imigrantes como aquelas “mais perigosas”. Como bem lembra Bertani (2006), alguns comportamentos de ordem moral e de ofensa ao decoro social se tornaram um problema de segurança pública, como consumir bebidas alcoólicas pela rua, permanecer em grupos até tarde da noite fora de casa, falar alto ou “atrapalhar” os demais moradores. Comportamentos “desordeiros” e “indecorosos” podem criar, nesse caso, uma imagem do bairro como espaço degenerado.

Muitos imigrantes entrevistados internalizaram esse discurso sobre o próprio bairro onde vivem como lugar perigoso. No entanto, durante as falas, percebeu-se uma grande contradição entre o vivido e o discurso, pois muitos apontavam o bairro como local para ser evitado, principalmente em relação a outros grupos, mas nenhum deles havia sofrido nenhum tipo de ação violenta ou que os tivesse colocados sob ameaça. Foi o caso de um brasileiro, dono de um bar no bairro, que apontou todos os problemas com a presença

de imigrantes que vendiam e consumiam drogas, do perigo de algumas nacionalidades, mas afirmou que fecha o bar às duas da madrugada, todos os dias, sem medo algum.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, A. *O medo ao pequeno número*. Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, 2009.

BASSO P. Tre temi chiavi del razzismo di stato. In: BASSO P. (org.). *Razzismo di Stato*: Stati Uniti, Europa, Italia. Milão: FrancoAngeli, 2010.

_____; PEROCCO, F. Gli immigrati in Europa. In: BASSO, P.; PEROCCO, F. (org.). *Gli immigrati in Europa*: Disegualianza, Razzismo, Lotte. Milão: FrancoAngeli, 2003.

BERTANI, M. Capitale sociale e reti informali in aree ad alta densità di immigrati: il quartiere di Veronetta. In: *Dalla società civile al capitale sociale*. A cura di Paola Di Nicola. Milão: FrancoAngeli, 2006.

BRIATA, P. Dall'immigrazione come risorsa alle risorse dei quartieri multietnici. Pianificazione e "Città delle differenze". In: "Innovare il welfare. Percorsi di Trasformazioni in Italia e in Europa". (Conferência Espanet: Milano, 29 setembro-01 outubro de 2011. Disponível em: <http://docplayer.it/9128050-Dall-immigrazione-come-risorsa-alle-risorse-dei-quartieri-multietnici.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GATTI, F. Verona, Africa Del Nord: (...). In. *Jornal Expresso* (site), outubro de 2010. Disponível em: <http://espresso.repubblica.it/attualita/cronaca/2010/10/27/news/verona-africa-del-nord-1.25306>. Acesso em: 31 mar. 2016.

GIRARD, R. *Il sacrificio*. Milão: Raffaello Cortina, 2004.

LEONARD, S. EU border security and migration into the European Union: Frontex and securitization through practices. *Journal of Contemporary European Research*, 5, 3. 2010, p. 371-388.

LOURENÇO, N.; LISBOA, M. *Representações da violência*. Percepção social do grau, da frequência, das causas e das medidas para diminuir a violência em Portugal. Lisboa: Centro de estudos judiciários, 1992.

MANERI, M. Il Panico Morale come Dispositivo di Transformazione all'Insicurezza. *Rassegna italiana di sociologia*, 1, p. 5-40, 2001.

Fabiane Cristina Albuquerque

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SASSEN, S. *Guests and Aliens*. Nova York: The New Press, 1999.

SIMONCINI, A. Per una genealogia del securitismo: note preliminari. In: *Bolletino telemático di filosofia política*, 2012.

VERONA. Prefeitura. Departamento de Estatística. Disponível em: https://www.comune.verona.it/media//_ComVR/Cdr/Statistica/Allegati/recupero_gennaio_2008/Il_quartiere_Veronetta_2006.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

WACQUANT, L. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo Editora, 2008.

Recebido em: 06/07/2018

Aceito em: 09/10/2018

¹ Cf. também BASSO, P.; PEROCCO, F. *Gli immigrati in Europa: Disegualianza, Razzismo, Lotte*. Milão: FrancoAngeli, 2003.

² Entre outras, ver Amnesty internacional e Osservatorioiraq.it (Disponível em: <http://osservatorioiraq.it/analisiimmigrando/lampedusa-l%E2%80%99altra-faccia-dell%E2%80%99operazione-mare-nostrum?cookie-not-accepted=1>). (Acesso em: 03 jun. 2016).

³ A segunda lei referida é conhecida como “Lei Turco Napoletano”. Além destas há uma terceira, mais recente, chamada “Pacote Segurança” (Pacchetto Sicurezza).

⁴ Os dados oficiais mais recentes sobre a população do bairro (incluindo o percentual de imigrantes) são de 2006, e se encontram disponíveis no site da Prefeitura de Verona, no Departamento de Estatística. Ver: https://www.comune.verona.it/media//_ComVR/Cdr/Statistica/Allegati/recupero_gennaio_2008/Il_quartiere_Veronetta_2006.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

⁵ Tradução livre. No original: “Verona, Africa Del Nord: un quartiere ad altissima densità di immigrati. Un sindaco super-Leghista che non gestisce l’integrazione perché piu la convivenza é difficile, piu voti gli arriva. Storia e realtà di Veronetta, già soprannominata ‘Terronetta’ e ora ‘Neronetta’”. In: <http://espresso.repubblica.it/attualita/cronaca/2010/10/27/news/verona-africa-del-nord-1.25306>. (Acesso em: 31 mar. 2016).

⁶ Em italiano, *badante*.

⁷ Os nomes dos entrevistados são fictícios (salvo exceções indicadas).

⁸ O termo “sicura” em italiano significa “segura” (de segurança), mas também assume o sentido de “se curar”.

⁹ Ver o documentário de Peter Obehi, “Veronetta: outra face de um bairro” (2014), que mostra a convivência e a interação entre os moradores, de forma a negar o conflito entre italianos e imigrantes.

¹⁰ Depois vim a saber que se tratava de uma zona de encontro de jovens comunistas e anarquistas.

¹¹ Tradução livre do documentário intitulado “Veronetta: un nuovo volto di un quartiere”. Vencedor da 35ª edição do Festival de Cinema Africano em 2014.

¹² Referência à expressão italiana “fuori delle mura”, que indica os locais fora do centro histórico, zona mais antiga da cidade.

¹³ Cf. BASSO P. Tre temi chiavi del razzismo di stato. In: BASSO P. (Org.). *Razzismo di Stato*: Stati Uniti, Europa, Italia. Milão: FrancoAngeli, 2010.